Demétrio de Azeredo Soster
Karina Gomes Barbosa
Mateus Yuri Passos
(Organizadores)

(...) em meados de 2022, iniciamos a produção deste livro: nossa busca era por capturar, da perspectiva das narrativas, representações críticas do contexto de caos social, ambiental e político. Discutir epistemologias ao revés dos relatos hegemônicos, pensar em uma ética das possibilidades. Refletir acerca de narrativas éticas e cidadãs diante do mal-estar contemporâneo, e também sobre narrativas de intervenção social, de soluções e outras formas de narrativas propositivas, além de narrativas ficcionais e seu papel na discussão de temas da contemporaneidade. Lançar luzes sobre diversidades culturais e relatos entrelaçados, bem como sobre processos de desinformação e narrativas de conspiração, discursos de afeto, emoção e retórica. Tratar de sujeitos contemporâneos e as fés que os movem. Em resposta a esse chamado, pesquisadoras e pesquisadores da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami) se debruçaram sobre fenômenos atuais e antigos — mas com reverberações no mundo de hoje. O resultado é este volume, 6º livro da Renami, que se soma à tradição da rede de produzir mapeamentos sobre aspectos da pesquisa com narrativas no campo da Comunicação. (Trecho da Introdução)

Autores e autoras

Adriana Pierre Coca
Agnes de Sousa Arruda
Alda Cristina Costa
Ana Cláudia Peres
Arthur Breccio Marchetto
Cláudia Thomé
Demétrio de Azeredo Soster
Denise Tavares
Érica R. Gonçalves
Fábio Alves Silveira
Gabriel Airto Domingos
Igor Oliveira Neves
Jamile Santana
José Carlos Fernandes
Karina Gomes Barbosa
Leo Cunha
Luiz Henrique Zart
Maíra Gioia de Brito
Mara Rovida
Marco Aurélio Reis
Mateus Yuri Passos
Maurício Guilherme Silva Jr.
Mauro de Souza Ventura
Myrian Regina Del Vecchio-Lima
Paulo Henrique Soares de Almeida
Pedro H. M. Mendonça
Renata de Paula dos Santos
Renato Essenfelder
Romer Mottinha Santos
Sebastião Clovis Brito do Nascimento Júnior
Tássia Aguiar de Souza
Thiago Perez Bernardes de Moraes
Thífani Postali
Vanessa Krunfli Haddad
Vânia Maria Torres Costa
Vinícius Pedreira Barbosa da Silva

Narrativas Midiáticas Contemporâneas

Inquietações Diante do Caos

Demétrio de Azeredo Soster
Karina Gomes Barbosa
Mateus Yuri Passos
(Organizadores)

Florianópolis

2023

NARRATIVAS MIDIÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

Inquietações Diante do Caos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

S716n **Soster**, Demétrio de Azeredo; **Barbosa**, Karina Gomes; **Passos**, Mateus Yuri (org.).

Narrativas Midiáticas Contemporâneas: inquietações diante do caos / Organizadores: Demétrio de Azeredo Soster, Karina Gomes Barbosa e Mateus Yuri Passos. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Editora SBPjor; Florianópolis, SC : Editora Insular, 2023.

456 p.; figs.; tabs.; gráfs.; fotografias.

E-book: 11 Mb; PDF.

ISBN 978-85-524-0400-2 (Editora Insular).
ISBN 978-65-88995-04-4 (Editora SBPjor).

1. Comunicação. 2. Discursos. 3. Epistemologias. 4. Ética das Possibilidades. 5. Narrativas de Conspiração. 6. Narrativas Midiáticas. 7. Processos de Desinformação. 8. Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami). I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD 070.4
23-30246322 **CDU 170**

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Jornalismo.
2. Jornalismo (imprensa).

NARRATIVAS MIDIÁTICAS CONTEMPORÂNEAS: INQUIETAÇÕES DIANTE DO CAOS

SOSTER, Demétrio de Azeredo; **BARBOSA**, Karina Gomes; **PASSOS**, Mateus Yuri (org.). **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: inquietações diante do caos**. 1. ed.Brasília, DF : Editora SBPjor; Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. E-book (PDF; 11 Mb). ISBN 978-85-524-0400-2. ISBN 978-65-88995-04-4.

Editora Insular
(48) 3334-2729
editora@insular.com.br
twitter.com/EditoraInsular
www.insular.com.br
facebook.com/EditoraInsular

Insular Livros
Rua Antônio Carlos Ferreira, 537
Bairro Agronômica
Florianópolis/SC – CEP 88025-210
(48) 3334-2729
insularlivros@gmail.com

Sumário

II
Sujeitos, Corpos e Existências

A matemática de Gog: da narrativa folkcomunicacional ao jornalismo das periferias

Mara Rovida
Thífani Postali

Introdução

Este capítulo parte da pressuposição de que seria possível aproximar os fazeres comunicacionais dos jornalistas que atuam nas bordas urbanas e a produção artística de um rapper, selecionado para a reflexão, entendido como líder-comunicador folk. Para tanto, são acionadas as noções que orientam a teoria da Folkcomunicação, de acordo com a leitura de Luiz Beltrão (1980), bem como observa-se o conhecimento sobre o trabalho dos jornalistas que atuam nas periferias urbanas da Região Metropolitana de São Paulo, apreendido por Mara Rovida (2020).

Além dos aportes teóricos mencionados, são utilizados como embasamento para testar a hipótese norteadora da reflexão as contribuições dos Estudos Culturais acerca da cultura de resistência, na perspectiva de Armand Mattelart (2004), e os conceitos que envolvem os territórios periféricos apresentados por Tiarajú Pablo D'Ándrea (2013; 2020). Em especial, aborda-se a noção de sujeitas e sujeitos periféricos, o que dá suporte para compreender o recorte espacial da pesquisa, uma vez que a noção de território como espaço produzido por sujeitos (Santos, 2002) é acionada no capítulo. Além de produzir o território, esse sujeito (periférico) também é o foco das atenções no debate sobre as práticas socioculturais e a produção de narrativas midiáticas que fortalecem as representações críticas ao caos social em que se encontra o Brasil contemporâneo.

Com base nessa perspectiva, e como forma de testar a pressuposição mencionada, a narrativa escolhida para a análise é a música "Matemática na Prática – parte 2", do rapper Gog. Para compreender os elementos

narrativos que organizam a letra da música e o videoclipe, é utilizada uma estratégia de inferência (Fonseca Júnior, 2017) que faz parte das ferramentas que compõem o método da análise de conteúdo.

Folkcomunicação e cultura da resistência

Em 1977, Luiz Beltrão já assinalava que a comunicação é um processo complexo e que, portanto, deve ser analisada em suas diferentes circunstâncias. O estudioso chamava especial atenção para a forma como os grupos identificados por ele como marginalizados se comunicam. Para Beltrão (1977), o conceito de comunicação tem estrita relação com o significado de origem da palavra – do latim *communis* – que remete às ideias de comunidade e comunhão. "Quando nos comunicamos estamos tratando de estabelecer uma comunhão, isto é, uma identificação, uma sintonização com alguém" (Beltrão, 1977, p. 57). Ainda de acordo com Beltrão (1980, p. 2), a comunicação é um sistema que abrange um "[...] conjunto específico de procedimentos, informações, experiências, ideias e sentimentos essenciais à convivência e aperfeiçoamento das pessoas e instituições que compõem a sociedade".

Como resultado de suas pesquisas, Beltrão apresenta a teoria da Folkcomunicação que investiga os processos comunicativos desempenhados pelos grupos populares ou marginalizados. A Folkcomunicação é entendida como um "conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore" (Beltrão, 1980, p. 24). No processo folkcomunicacional, "as mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez, conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa" (Beltrão, 1980, p. 28).

Beltrão indica que o processo comunicacional pautado pelo clássico e já bastante criticado modelo *autor – mensagem – canal – receptor*

precisaria ser redimensionado, pois a comunicação envolve também formas diferenciadas de interação entre indivíduos pertencentes a grupos específicos. Neste sentido, o autor indica a existência de agentes de comunicação populares que, ao receberem os estímulos midiáticos, re-decodificam as mensagens adequando-as a um canal folk (popular) e destinando-as a um público que decodificará essas mensagens a partir de suas experiências que estão, muitas vezes, alinhadas às experiências dos agentes que fazem parte do mesmo grupo social. Esses agentes são nomeados por Beltrão (1980) de líderes-comunicadores folk.

O interesse de estudo do autor era desvendar as formas como os grupos populares se comunicam, sejam eles urbanos ou rurais. Para tanto, denominou como "comunicação cultural" um modo de comunicar que visa "estabelecer relações e somar experiências" (Beltrão, 1977, p. 58). Assim, pode-se compreender a comunicação como uma forma de comunhão que tem como intenção um resultado que vai além da simples informação, ou seja, busca conectar indivíduos, estabelecer vínculos e, do ponto de vista político, oferecer subsídios para que grupos marginalizados possam resistir frente às opressões decorrentes de uma sociedade que reverbera a cultura colonial somada aos prejuízos do sistema capitalista, como é o caso do Brasil.

Dessa forma, ressalta-se que a perspectiva de Beltrão se aproxima da ideia de resistência – presente nos Estudos Culturais – entendida como manifestação e atitude que visam a mudança social. De acordo com Hebdige (1998, *apud* Mattelart, 2004, p. 75), a resistência pode ser entendida da seguinte forma:

> Nem simples afirmação, nem recusa, nem exploração comercial, nem revolta autêntica [...] Trata-se, ao mesmo tempo, de uma declaração de independência, de alteridade, de intenção de mudança, de recusa ao anonimato e a um estatuto subordinado. É uma insubordinação. E se trata, ao mesmo tempo, de uma confirmação do próprio fato de privação de poder, de uma celebração da impotência.

Posto assim, pode-se considerar que as manifestações populares são carregadas de comunicações de resistência que visam transformações de

seus grupos sociais e, assim, da sociedade como um todo. No entanto, essas produções partem de indivíduos que estão dispostos a sair do anonimato e do estado de subordinação para assumir o compromisso social de, por meio da comunicação, transformar seus territórios. É justamente a partir dessa percepção que se observa a possibilidade de diálogo entre a reflexão sobre os líderes-comunicadores folk e a noção de sujeitas e sujeitos periféricos apresentada por Tiarajú Pablo D'Andrea (2020).

Líder-comunicador folk, um sujeito periférico

O líder-comunicador folk é o sujeito que, segundo Beltrão (1980), possui características de liderança somadas à capacidade interpretativa de informações produzidas pelos diferentes meios de comunicação, incluindo aqueles ligados às grandes corporações de mídia. Esse agente comunicacional atua como um mediador que interage com a comunidade da qual faz parte de forma a reorganizar as mensagens produzidas pela mídia hegemônica. Essa reorganização das mensagens inclui adaptações estéticas (a forma) e do meio (o canal) que será escolhido para dialogar com o grupo popular. Beltrão (1980, p. 35. Grifos do autor) ressalta que o comunicador folk possui certa semelhança com personalidades da comunicação social:

> 1) *Prestígio na comunidade*, independentemente da posição social ou da situação econômica, graças ao nível de conhecimentos que possui sobre determinado(s) tema(s) e à aguda percepção de seus reflexos na vida e costumes de sua gente; 2) *Exposição às mensagens do sistema de comunicação social*, participando da audiência dos meios de massa, mas submetendo o conteúdo ao crivo de ideias, princípios e normas de seu grupo; 3) *Frequente contato com fontes externas autorizadas de informação*, com as quais discute ou complementa as informações recolhidas; 4) *Mobilidade,* pondo-se em contato com diferentes grupos, com os quais intercambia conhecimentos e recolhe precisos subsídios; 5) *Arraigadas convicções filosóficas,* à base de suas crenças e costumes tradicionais, da cultura do grupo a que pertence,

> às quais submete idéias e inovações antes de acatá-las e difundi-las, com vistas a alterações que considere benéficas ao procedimento existencial de sua comunidade.

E complementa que, aparentemente, os comunicadores folk nem sempre são autoridades reconhecidas em seus grupos, mas se destacam pelo carisma atraindo audiências que se identificam com seus discursos. Podem ser lideranças religiosas, poetas, cantores, locutores e quaisquer outras figuras que inspirem credibilidade decorrente de sua habilidade de mediação. Neste sentido, enquanto os líderes de opinião que atuam nos meios de comunicação hegemônicos exercem uma liderança vertical por ocuparem espaços de grande visibilidade, os líderes-comunicadores folk exercem uma liderança de opinião horizontal por mediarem, justamente, a produção da mídia corporativa e as demandas do público específico ao qual estão relacionados (Cervi, 2007).

Assim, podem-se compreender os líderes-comunicadores folk em um diálogo com a noção de sujeitas e sujeitos periféricos apresentada por D'Andrea (2020). Em sua tese de doutorado, defendida em 2013, Tiarajú Pablo D'Andrea traz pela primeira vez a sugestão de compreender como sujeitos periféricos aqueles indivíduos que **entendem sua condição de classe social trabalhadora, refletem sobre ela e agem em seus territórios de forma engajada**. Na busca por uma definição de periferia, o autor acaba esbarrando na demanda por compreender quem são esses indivíduos promotores de um processo de ressignificação das periferias. Tomando-se como apoio a ideia de Milton Santos (2002) de que o território é produzido por sujeitos, entende-se que, ao falar sobre periferia, na verdade D'Andrea está refletindo sobre os sujeitos que produzem esse território urbano. Nesse sentido, a tese do autor busca compreender como a periferia deixa de ser um território essencialmente pautado por carências de toda ordem para se transformar em um espaço de potência – como força e também como possibilidade. Para isso, ele acaba por identificar ainda de forma provisória os sujeitos periféricos

como os responsáveis por essa transformação que não é apenas semântica, mas interfere na postura em relação ao território e à sociedade como um todo.

Em 2020, D'Andrea retoma a reflexão conceitual sobre sujeito periférico incluindo outras experiências de pesquisa e de debate coletivo reunidas desde a defesa de sua tese. Ele traz nessa revisão conceitual mais algumas pistas para compreender essa identidade coletiva que vem ganhando tônus nas periferias das cidades brasileiras. Se no início – na década de 1990 – essa identidade era representada sobretudo por artistas, expoentes do rap, especialmente o grupo que forma os Racionais MC's (D'Andrea, 2013), na segunda década deste século, há outros sujeitos periféricos ganhando notoriedade para além dos limites e fronteiras das periferias, como observado por Rovida (2020) sobre os jornalistas das periferias da Região Metropolitana de São Paulo.

Seja para pensar comunicadores jornalistas ou artistas do movimento hip hop, a ideia de sujeitos e sujeitas – D'Andrea explicita a necessidade de pensar a perspectiva feminina dessa identidade coletiva – periféricos é apreendida a partir de cinco pré-condições para sua formação:

> 1. *Assujeitamento às condições*: toda sorte de situações sociais que sujeitam o indivíduo e existem para além de sua vontade. 2. *Formação de subjetividades*: a partir de relações sociais produzidas em dadas condições geográficas, sociais e históricas, calcadas em experiências basilares de socialização na família, no bairro e na escola, é formadora de um dado habitus (Bourdieu, 2005) territorial que se entrelaça com a experiência racial, de gênero e de classe. 3. *Códigos culturais compartilhados*: [...] linguagem compartilhada. [...] 4. *Consciência de pertencimento*. 5. *Agir político*: ato de apoderar-se da própria história, tornando-se sujeito político (D'Andrea, 2020, p. 30-31).

Além das pré-condições que produzem um contexto de origem, D'Andrea (2020) traz ainda uma lista de 13 características comuns de sujeitas e sujeitos periféricos. São elementos que ajudam a compreender essa identidade coletiva e essa forma de agir que tem marcado diferentes iniciativas vinculadas às bordas urbanas, conforme o Quadro 1.

QUADRO 1. Características de sujeitas e sujeitos periféricos

1. Utilizam a ideia de periferia como classe (em sentido ampliado, mas consonante com a noção de classe trabalhadora).
2. Periferia, periférico(a) e favela são termos usados de forma ressignificada (como potência) para marcar posicionamento político-territorial.
3. Atuam de forma organizada em coletivos.
4. Atuam politicamente por meio da arte e da cultura de maneira ainda mais enfática.
5. O acesso à universidade permitiu que ocupassem também a posição de sujeitos do conhecimento, deixando de ser objeto de pesquisa.
6. O acesso à universidade, a técnicas e tecnologias permitiu que sistematizassem os conhecimentos produzidos.
7. Essa geração também elimina a necessidade de mediadores na arte, no jornalismo, na política, entre outros contextos sociais.
8. Enaltecem o orgulho de pertencimento ao território que passa a significar potência.
9. Enfatizam a relevância e insistem no debate sobre opressões de gênero e raciais.
10. Aderem às discussões por direitos de LGBTs e em prol da consciência ecológica.
11. Erguem a bandeira da diferença (diversidade) como direito.
12. Fazem intenso uso do ambiente digital.
13. São versados em distintos processos sociais porque tiveram de conviver com variados atores sociais – desde atores religiosos em ascensão como os neopentecostais, até o crime organizado representado pelo PCC, passando por agentes neoliberais e lulistas.

Fonte: Produção das autoras baseada em D'Andrea (2020).

Ainda que o ponto de partida da presente reflexão tenha sido organizado pela Folkcomunicação, a aproximação aqui proposta precisa ser pensada na lógica de que a ideia contemplada na definição de sujeito e sujeita periférico de D'Andrea (2013; 2020) extrapola o âmbito da comunicação. Assim, o líder-comunicador folk pode ser entendido como um sujeito periférico, mas nem sempre o sujeito periférico – que, como visto anteriormente, não é apenas um morador

das periferias, mas um sujeito dotado de um agir comprometido com o território – é um líder-comunicador folk. Por outro lado, a narrativa selecionada para este trabalho faz parte da produção artística de um sujeito periférico que atua como líder-comunicador folk – essa é a pressuposição que mobiliza a presente reflexão.

Gog e a "Matemática na prática – parte 2"

Genival Oliveira Gonçalves, mais conhecido como Gog, é natural de Sobradinho, cidade da região administrativa de Brasília, no Distrito Federal (Letras, Online). Considerado um dos pioneiros do rap de Brasília, Gog conta com três décadas de carreira e 57 anos de vida, completados em 2022 (Fórum, 2020). Desde o início da carreira, o artista se destacou por suas letras e justamente por isso sempre foi considerado um poeta, também por esse motivo se aproximou de escritores expoentes da literatura marginal (Soares, 2008) como Ferréz, Alessandro Buzo e Sérgio Vaz (Letras, Online; Fórum, 2020). Algumas de suas letras articulam inúmeros acontecimentos contemporâneos, resumindo tendências da vida política e social brasileira, sem perder a rima caraterística de sua poética.

A música escolhida para a presente leitura crítica foi lançada em 2019 por Gog em parceria com outros dois rappers, Fabio Brazza e Renan Inquérito, além da Orquestra de Rua. Trata-se da música "Matemática na prática – parte 2", conforme letra reproduzida na íntegra no Quadro 2.

O panorama social brasileiro do fim dos anos 2010 é representado por meio de uma rima que parece brincar com os números, subvertendo o esvaziamento muitas vezes provocado pelo distanciamento entre os personagens de narrativas factuais e suas representações estatísticas. Para encontrar as correlações entre os temas trabalhados na letra de "Matemática na prática – parte 2", expomos no Quadro 3 uma primeira leitura sistematizada com base na estratégia de inferência apresentada por Fonseca Júnior (2017) como ferramenta da análise de conteúdo.

> Na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada. Assim como o arqueólogo ou o detetive trabalham com vestígios, o analista trabalha com *índices* cuidadosamente postos em evidência, tirando partido do tratamento das mensagens que manipula, para *inferir* (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o autor ou o destinatário da comunicação (Bardin *apud* Fonseca Júnior, 2017, p. 284. Grifos do autor).

O quadro nos ajuda a mapear alguns acontecimentos registrados pelos rappers na música em análise. Como suporte para a inferência anotada, a segunda coluna traz um pequeno resumo do episódio identificado e um registro da imprensa sobre o assunto.

QUADRO 2. Letra Matemática na prática – parte 2

Aumente o volume pra questionar os números primos
É determinante estar em grupo em nosso domínio
O X da questão?
Black união, símbolo de superação
Caderno na mão, sorriso expressão
Sem tensão, sem refém
Nem maior nem menor ninguém

Se chamar no VAR, vai tá lá
A tarja preta pra não identificar
Esquadrão além da razão e da proporção
Raiz da quadrada elevada ao enquadro fora do esquadro

Um Preto de direita continua um zero à esquerda
Um Preto de esquerda não é um zero à direita
Na Globo, Isto é, Cruzoé ou na Veja
De qualquer ângulo, mano, o resultado é só perda

Pegar de vez a visão, somar na missão
Subtrair confusão, multiplicar cada ação
Dividir caneca e pão, me chame de irmão
Campeão, vida de cão pra nós não

De igual pra igual, diferença é tão natural
Do Litoral ao Interior, por amor, por amor
Independente de cor, trio Griô se firmou
Complô dos rimador, som em alto teor

Resumo da matéria, breque no click cleck
Operação pente fino não alisa cabelo black
Palavra reta, sem curva, faça Sol, faça chuva
Caiu igual luva, noite e dia nós truva

Periferia, coordenadas condenadas, no zoom
Números complexos do Alemão comum
Mesmo tático, mesma tática anos e óbitos depois
Matemática na prática, parte 2

Matemática outra vez
Na parte dois, século XXI
Brazza, GOG, Renan, essa é a regra dos 3
Nesse 4 por 4, achar um denominador comum

Me diz? Pra resolver a questão quantos param no X?
Eu fiz questão de calcular a raiz
500 anos de opressão e a história se repete
É tanto 0 na conta desses 157

Liga 190, não! Desde 1990 eu não idolatro
Os 666 que apoiaram 64
O juros a mais de 10%, a Previdência só com 100
E com menos de 1. 000 a massa tem que viver bem

Se virando em 12 meses
Pra pagar em 12 vezes
Vários manos ficam 13 quando o décimo terceiro não vem
Inversão de valores
Deputados recebem 15 vezes mais que professores
Aos 16 ela paga 10 em troca de coca
Aos 17 vende o corpo em troca de nota
Aos 18 quem sonhou ser R9 e R10, tá de R15 trocando com a Rota

Mas não erre não, seis balas no tambor do oitão
Pra mandar mais um pro quinto dos inferno a sete palmos do chão

A menina que já tá de nove, tem apenas 14
E outra de 8, se foi na mira do 12
Mas não basta ter visão numérica
O rap me fez ter visão periférica
Einstein provou que energia é igual MC ao quadrado
Eu descobri isso na 105 de rádio ligado
Fui educado com 509 E, Ao Cubo

Matemática na prática, que na escola não é ensinada
E até hoje não sei nada de raiz quadrada
Mas no Capão Redondo entendi o que era raiz quebrada!

Salve GOG 061, salve Brazza 011
Aqui Renan Inquérito 019, desde 99
(-20 anos luz)
Salve os números racionais
Apoiados por mais de 50 mil manos
Mais de 1 milhão de cópias vendidas, eu fã nº 1

Será que são números naturais?
Milhares de pretos nos tribunais
Homem ganha mais, branco ganha mais
Mulher Preta trampa mais, números reais

10 mandamentos, 7 pecados
12 discípulos, 1 deu errado (Judas)
Virô X-9 por 30 moedas de prata
Assim nasceu a delação premiada

A morte aqui vem de graça 0800
51 cachaça, suicídio lento
O povo se vira nos 30 faz o que pode
Trampa na 25 ou de 99

Pega a calculadora pra contar os corpos
Pavilhão 9, 111 mortos (muito mais)
Oitenta tiro de fuzil no preto, extermínio
Oitenta tiro de nariz na branca, condomínio

50 anos em 5, JK
50 tiros em 5 segundo, HK
A arma que matou Marielle
Tem a impressão digital do PSL

E o seu 17?
7 mandato e 30 anos depois
Só fez uma proposta A do número dois
No fim das contas essa é a treta
Uns vivem pelos números
Eu morro pelas letras

Fonte: Reprodução de Letras.mus.br.

QUADRO 3. Correlações com o factual

Trecho da letra	Referência para a correlação observada
Se chamar no VAR	O Video Assistent Referee (VAR) foi usado pela primeira vez no Brasil em 2017 no campeonato pernambucano, passando a ser usado nos campeonatos nacionais em 2018. VAR estreia em torneios nacionais nesta quarta; veja como o arbitro de vídeo pode ser usado. GE, 2018. Disponível em: https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/var-estreia-no-brasil-nesta-quarta-veja-como-o-arbitro-de-video-pode-ser-usado.ghtml Acesso em: 31 mai 2022.
Operação pente fino	Operação do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), permitida pela Lei 13.457 de 2017 que versa sobre auxílio-doença, aposentadoria por invalidez e pensionista inválido. PIMENTEL, Mabianne. Operação pente fino - o que significa? Jusbrasil, Online. Disponível em: https://mabianne.jusbrasil.com.br/artigos/637480450/operacao-pente-fino-o-que-significa Acesso em: 31 mai 2022.
Raiz da quadrada elevada ao enquadro fora do esquadro	Jovens negros de 15 a 19 anos aparecem sete vezes mais entre os suspeitos da polícia, do que a população do local onde foram abordados. RAMOS, Beatriz Drague. Enquadros da PM são mais invasivos nas periferias e rendem até folgas a policiais. Ponte. Online. Disponível em: https://ponte.org/enquadros-da-pm-sao-mais-invasivos-nas-periferias-e-rendem-ate-folgas-a-policiais/. Acesso em: 5 de jun 2022.
a Previdência só com 100	A reforma trabalhista, aprovada em 2017, após o golpe que depôs a presidente Dilma Rousseff, modificou a contagem de tempo para a aposentadoria no Brasil. APROVADA em 2017, reforma trabalhista alterou regras para flexibilizar o mercado de trabalho. Senado Notícias, 2019. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/02/aprovada-em-2017-reforma-trabalhista-alterou-regras-para-flexibilizar-o-mercado-de-trabalho Acesso em: 31 mai 2022.
com menos de 1. 000 a massa tem que viver bem	O reajuste do salário mínimo no Brasil em 2018 foi o menor em 28 anos, saindo de R $937,00 para R $954,00. MARTELLO, Alexandre. Reajuste de salário mínimo em 2018 é o menor em 24 anos. G1, 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/reajuste-do-salario-minimo-em-2018-e-o-menor-em-24-anos.ghtml Acesso em: 31 mai 2022.

Pega a calculadora pra contar os corpos Pavilhão 9, 111 mortos (muito mais)	Referência ao massacre do Carandiru em que, oficialmente, 111 detentos foram mortos pela polícia. Em 2016, a Justiça de São Paulo anulou decisão de cinco júris populares. NOVAES, Marina. Justiça de São Paulo anula julgamentos de PMs pelo massacre do Carandiru. El País Brasil, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/27/politica/1475004354_366390.html Acesso em: 31 mai 2022.
Oitenta tiro de fuzil no preto, extermínio	Em abril de 2019, soldados do exército dispararam 80 vezes com fuzis contra o carro de uma família no Rio de Janeiro. O motorista era o músico Evaldo dos Santos Rosa. PAULUZE, Thaiza; NOGUEIRA, Italo. Exército dispara 80 tiros em carro de família no Rio e mata músico. Folha de S.Paulo, 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/militares-do-exercito-matam-musico-em-abordagem-na-zona-oeste-do-rio.shtml Acesso em: 31 mai 2022.
A arma que matou Marielle Tem a impressão digital do PSL	A vereadora eleita pelo município do Rio de Janeiro, Marielle Franco, foi assassinada em 2018. Até 2022, os mandantes do crime não haviam sido identificados pela polícia. GONÇALVES, João *et al*. Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio. G1, 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml Acesso em: 31 mai 2022.
E o seu 17? 7 mandato e 30 anos depois	Referência ao presidente Jair Bolsonaro, eleito pelo PSL (legenda de número 17), cujo currículo parlamentar perpassa a marca de 27 anos, tendo aprovado apenas duas propostas. EM 27 anos como deputado, Bolsonaro tem dois projetos aprovados. Rede Brasil Atual, Online. Disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2018/05/em-27-anos-como-deputado-bolsonaro-tem-dois-projetos-aprovados/ Acesso em: 31 mai 2022.

Fonte: Produção das autoras.

É inegável que o registro dos acontecimentos é pautado por uma perspectiva crítica sobre a forma como a população preta e periférica é tratada pelos agentes do Estado. O extermínio do músico Evaldo dos Santos, os enquadramentos policiais dirigidos aos jovens negros, o assassinato da vereadora Marielle Franco e o massacre do Carandiru

são passagens que ajudam a confirmar essa percepcão crítica, inclusive pela estética acionada na apresentação de cada uma das situações. Além disso, a menção à reforma trabalhista, à Operação pente-fino e ao reajuste irrisório do salário mínimo em 2018 complementam essa visão sobre como a população mais empobrecida, principalmente, mas não somente, sofre com decisões e ações dos agentes do Estado. Nessa mesma seara está a crítica direta ao presidente eleito em 2018, Jair Bolsonaro, em sua passagem pela Câmara dos Deputados. Paralelamente, um dispositivo – o VAR – introduzido nos campeonatos de futebol brasileiros é mencionado.

Há nessa forma de atuação uma conexão com a perspectiva de liderança folkcomunicacional. Os artistas incluem na letra da música situações em pauta nos veículos de comunicação hegemônicos no período da produção artística, mas o fazem a partir de uma leitura vinculada aos territórios periféricos – formados em sua maioria por uma população negra e desfavorecida social e economicamente. Esse modelo de narrativa revela um compromisso com o território de tal forma que as pautas são apreendidas a partir da perspectiva da periferia e as narrativas são formuladas subentendendo-se como público almejado os sujeitos que formam esses territórios, abordagem essa que orienta o trabalho dos jornalistas das periferias (Rovida, 2020).

A percepção de que Gog – e seus parceiros na música em análise – organiza sua narrativa a partir da experiência da periferia permite sugerir uma aproximação com o jornalismo das periferias, como indicado. Outra característica que contribui para essa sugestão está na estética do texto que inclui alguns índices dessa relação original, desse compromisso com o território. No caso dos jornalistas, o uso de algumas gírias em títulos de publicações ou mesmo a inclusão de termos que reforçam a relação com a periferia no nome dos veículos – "Nós, mulheres da periferia"; "Periferia em Movimento"; "Agência Mural de Jornalismo das Periferias" – são muito recorrentes, embora a redação das notícias, reportagens, entre outros textos jornalísticos seja mantida dentro dos padrões da cultura profissional (Rovida, 2020). Mas o ponto alto dessa aproximação sugerida é certamente a abordagem

com esse compromisso epistêmico de um olhar que parte do território periférico e, por isso, enfatiza a experiência dos moradores e sujeitos periféricos. Seja para discutir temas relacionados a acontecimentos observados nas periferias ou não – o jornalismo das periferias pauta tudo que acontece na cidade e no país –, jornalistas e rapper enfatizam essa perspectiva das periferias em suas narrativas.

Com a mesma estratégia de leitura para identificar os índices que permitem inferir sobre as referências factuais acionadas pelos autores da música em análise, é possível observar passagens que indicam correlações com o próprio cenário artístico do qual fazem parte os letristas. Ao dizer que foi "*educado pelo 509-E, Ao Cubo*", Gog faz menção ao grupo formado por Dexter e Afro-X, o 509-E, bem como à banda Ao Cubo. Dessa mesma forma, pode ser lida a passagem "na 105 de rádio ligado" que remete à emissora de rádio 105 FM de Jundiaí que no início nos anos 2000 abriu espaço na programação para o rap. Outra passagem que traz forte referência ao cenário do rap brasileiro é a fala de Renan Inquérito sobre o apoio de "*mais de 50 mil manos*", intertextualidade (Samoyault, 2008) flagrante com trecho da letra de "Capítulo 4, versículo 3", dos Racionais MC's.

Assim, para além de ser considerado uma ferramenta da comunicação dos territórios periféricos, o rap, bem como os demais elementos que formam a cultura hip hop, pode também ser entendido como instrumento da política de identidade que, segundo Woodward (2009, p. 34) "concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política". De acordo com Hall (2009), trata-se de uma construção, um processo de produção performativo que tem conexões com relações de poder. Para o autor, as identidades "[...] são produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas" (Hall, 2009, p. 109). Para tanto, utilizam recursos da história – menção a precedentes e figuras históricas –, da linguagem e da cultura que refletem as características de um determinado grupo.

A conexão com a perspectiva folkcomunicacional se evidencia no uso do rap como canal de comunicação folk que veicula mensagens re-decodificadas e ajustadas a audiência pretendida, tendo como mediador e líder-comunicador folk o rapper, sujeito periférico que faz uso da arte para marcar posicionamento político-territorial. É importante ressaltar que o hip hop se tornou uma potente ferramenta de comunicação social dos territórios periféricos brasileiros, a partir da década de 1990 (Postali, 2011).

De modo geral, é possível observar nas letras de rap, além dos discursos críticos ao *status quo*, referências à antecedentes históricos e figuras memoráveis da luta dos negros. Na letra da música em análise esses elementos são identificados nas menções aos grupos de rap que fizeram história no movimento, nas situações que marcaram a luta e a história dos negros brasileiros, bem como na relação dos cantores com esse cenário social.

Ao se apresentarem para o público, os três artistas brincam com os números de Discagem Direta à Distância (DDD) de suas cidades de origem: 061 – Brasília (Gog); 019 – Campinas (Renan Inquérito); 011 – São Paulo (Fabio Brazza). Paralelamente, o reforço da identidade que os aproxima, apesar das distâncias geográficas, aparece logo no início da música, na primeira estrofe "É *determinante estar em grupo em nosso domínio. O X da questão? Black união, símbolo de superação*". Além de aproximar os três artistas, a primeira estrofe também funciona como a marcação de uma perspectiva, de um ponto de onde parte a fala apresentada. Nesse sentido, assume-se uma identidade coletiva pelo território periférico, como se vê na passagem "*Periferias, coordenadas condenadas, no zoom*". A partir desse lugar, a identificação com as experiências dos periféricos perpassa a letra em vários outros momentos como aquele em que a realidade do trabalho é apontada em sua precarização "*O povo se vira nos 30 faz o que pode. Trampa na 25 ou de 99*". O comércio popular da Rua 25 de Março, no centro da cidade de São Paulo, é referência como espaço de geração de renda informal, bem como os aplicativos que exploram serviços de entregas e de transporte de passageiros, como a 99 Taxi.

Os artistas usam ainda outras referências conhecidas para brincar com os números, trazendo personagens da contemporaneidade para a narrativa sem citar nomes como os jogadores de futebol R9 – Ronaldo Fenômeno – e R10 – Ronaldinho Gaúcho.

Um olhar para o audiovisual – o videoclipe

Além da letra da música, o videoclipe de "Matemática na prática – parte 2", disponível na plataforma de vídeos YouTube, apresenta elementos significativos para a leitura da narrativa dos artistas. Apesar de não ser o foco deste estudo, é pertinente incluir algumas observações a respeito da produção audiovisual, a partir da descrição de cenas. O vídeo inicia com crianças e jovens em idade escolar – a maioria é negra – levando cadeiras para uma quadra poliesportiva. Ao mesmo tempo, os artistas se dirigem para o local e ocupam a posição de professores. Gog começa a cantar junto com a orquestra. Atrás do rapper, veem-se imagens de grafite com temas como basquete, futebol e ensino. Destaca-se o grafite, recorrentemente enquadrado pela câmera, sobre ensino que apresenta a frase "Encino Mediu Baicho". Também há a imagem de pilhas de documentos que se assemelham a cartilhas distribuídas pelo poder público.

Os três rappers cantam para a plateia que representa estudantes enquanto a câmera enquadra, na maior parte do tempo, a cena em plano situação, numa linguagem que visa assegurar o espaço de ação para o público. De acordo com Nogueira (2010), o plano situação tem como finalidade contextualizar os acontecimentos sendo de ordem narrativa, uma vez que o foco não está no drama em si, mas na apresentação clara da situação para o espectador. Os planos médio e detalhe são utilizados com menos frequência e objetivam, seguindo a linguagem cinematográfica (Nogueira, 2010), apresentar mais dramaticidade com a aproximação do olhar do espectador que pode, a partir deles, observar expressões faciais dos rappers além das frases instrumentais.

Assim, a composição do videoclipe indica escolhas que complementam a mensagem da letra do rap. Para Nogueira (2010), a composição do plano indica a distribuição e hierarquização de elementos tais como personagens, objetos, espaços, volumes, fundos entre outros, que tem como função dirigir a atenção do público, salientando a importância de cada um.

A aula de "Matemática na prática – parte 2" é realizada num espaço de esporte, ao ar livre, e não dentro de uma sala de aula – o que é frisado no deslocamento das cadeiras escolares para a quadra no início do vídeo. A representação de um jovem negro com destaque para a camiseta do Esperança F.C e das apostilas oficiais empilhadas e afastadas da cena (em segundo plano) podem indicar que o rap vai ensinar o pensamento crítico – pautado na experiência, na prática –, uma referência ao quinto elemento do movimento hip hop, o conhecimento, cuja função é conscientizar a população periférica sobre suas condições sociais (Postali, 2011).

Neste sentido, nos referimos ao pensamento crítico a partir de Bell Hooks (2010) como um exercício que envolve a própria reflexão do indivíduo, desenvolvendo autonomia, automonitoramento e autocorreção. Segundo a autora (2010), os (as) pensadores (as) críticos (as) são capazes de compreender, problematizar e ressignificar as coisas, já que são pessoas capazes de questionar os outros e a si mesmos, criando, assim, novos significados acerca dos assuntos. Hooks ainda ressalta a capacidade comunicativa da pessoa que desenvolve o pensamento crítico, sendo ela capaz de visualizar os fatos com mais clareza e objetividade, manifestando, deste modo, os seus pensamentos também com clareza. As colocações da autora vão ao encontro dos conceitos de Líder folk-comunicador (Beltrão, 1980) e sujeitas e sujeitos periféricos (D' Andrea, 2020) já expostos.

Portanto, as escolhas de objetos, cenas, ângulos, vão ao encontro da narrativa da música e podem ser entendidas como referências críticas ao atual caos, considerando, ainda, a situação da educação brasileira que enfrenta projetos de lei que ameaçam a educação transformadora, bem como aos ataques realizados pelo governo Bolsonaro ao patrono

da educação brasileira, Paulo Freire, no período do lançamento do videoclipe. Esse cenário crítico que remete ao caos contemporâneo brasileiro é discutido por Bittencourt (2008). O autor recupera a ideia de "educação bancária" de Paulo Freire (2011) para refletir a educação mercantilizada já em curso no Brasil.

> Assim, a informação trabalhada em sala de aula não chegaria nunca a constituir um conhecimento operacional, capaz de ser útil para entender o mundo e transformá-lo. Deste modo, a educação escolar cumpriria mais uma função alienante que libertadora; serviria aos interesses das classes dominantes e afastando as classes dominadas de uma relação com o saber que lhes permitisse conquistar direitos e poder (Bittencourt, 2008, p. 66).

A frase escrita com erro de grafia (Encino Mediu Baicho) em composição com um capelo grafitado, do mesmo modo, pode ser assimilada à denúncia sobre a desassistência do Estado, especialmente, nas periferias e favelas no que se refere ao ensino público.

Algumas considerações

A inquietação, a crítica direta, a proposição de ações coletivas e o enaltecimento da identidade periférica sustentam a narrativa da música "Matemática na prática – parte 2". Se a pressuposição que orientou a reflexão apresentada neste capítulo tinha como base a possibilidade de aproximar o rapper Gog às práticas do Jornalismo das Periferias, no que diz respeito à posição epistêmica diante das pautas do Brasil contemporâneo, pode-se considerar sua confirmação.

Além de trazer para o debate temas políticos e sociais relevantes para o Brasil como um todo, Gog e seus parceiros propõem uma leitura desses acontecimentos a partir do prisma das periferias. Não apenas como leitura crítica de um mal-estar sobre o *status quo*, essa perspectiva revela uma visão de mundo formada a partir do território, o que, por sua vez, enaltece a identidade de sujeito periférico, no sentido de Tiarajú Pablo D'Andrea (2020). Em outros termos, Gog representa um sujeito

periférico que fala, principalmente, mas não somente, para os demais moradores das periferias de uma maneira direta, engajada e marcada por índices que remetem ao território. Essa forma de atuação permite considerar o rapper um líder-comunicador folk, nos termos de Beltrão (1980). Assim, tem-se como resultado desta análise a indicação de que a música – e seu autor – aqui selecionada contribui com o debate público contemporâneo sobre temas que afligem a população e são por isso mesmo urgentes.

Observa-se ainda que a potência narrativa do rap também se mostra pela capacidade de artistas como Gog de ler o cotidiano e apresentá-lo, em poucas palavras, com toda sua complexidade, o que é caracterizado pelo pensamento crítico (Hooks, 2010). Assim, anota-se que compreender as narrativas críticas produzidas pelas bordas urbanas é fundamental para um entendimento mais abrangente sobre como o caos contemporâneo é percebido e comunicado pelos grupos mais afetados socialmente. Nas bordas das discussões *mainstream*, agentes de comunicação – sujeitas e sujeitos periféricos – adotam o papel de lideranças comunicacionais de seus territórios, assumindo o compromisso de traduzir ou comunicar conteúdos pertinentes à sua audiência.

Seja realizada por meio de líderes e canais folk que, de maneira mais livre do que os padrões jornalísticos, buscam chamar a atenção da população sobre problemas que impactam diretamente o cotidiano periférico; seja realizada por sujeitas e sujeitos periféricos jornalistas que promovem narrativas mais técnicas, porém a partir do ponto de vista de suas experiências e localizações sociais, a comunicação das bordas se caracteriza como a "comunicação cultural" (Beltrão, 1977), cujas narrativas pretendem mais que informar, estabelecer a comunhão e conectar indivíduos para que possam resistir frente ao caos comum às periferias.

Assim, a canção "Matemática na Prática – parte 2" é um objeto narrativo que reflete o diálogo entre uma liderança folkcomunicacional e o jornalismo das periferias, uma vez que, independentemente do formato, possui a mesma intenção de transformação social. E no caso da canção selecionada, possui, inclusive, os mesmos temas em pauta na atualidade.

Referências

BELTRÃO, Luiz. *Teoria geral da comunicação.* Brasília: Thesaurus, 1977.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação:* a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BITTENCOURT, Rodrigo do Prado. "Educação a serviço da alienação: projetos de lei que ameaçam a educação transformadora sonhada por Paulo Freire." *Educação*, vol. 43, no. 1, 2018, pp.41-54. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117157483005. Acesso em 05 de jun 2022.

CERVI, Emerson Urizzi. Líder de opinião. In GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (Org.). *Noções básicas de folkcomunicação:* uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos Sujeitos Periféricos:* Cultura e Política na Periferia de São Paulo. 295 f. Tese. Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2013.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. *Novos Estudos Cebrap*, v. 39, p. 18-36, 2020.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.* São Paulo: Atlas, 2017, p. 280-304.

FÓRUM. *Rapper GOG comemora 30 anos de carreira com vários lançamentos*. 2020. Disponível em: https://revistaforum.com.br/cultura/2020/2/24/rapper-gog-completa-30-anos-de-carreira-com-varios-lanamentos-69817.html Acesso em: 31 mai 2022.

FREIRE, Paula. *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença:* a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 103-131.

HOOKS, Bell. *Ensinando o pensamento crítico:* sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2010.

KOWARICK, Lúcio (Org). *As lutas sociais e a cidade.* São Paulo: Paz e Terra, 1994.

LETRAS. *Biografia de Gog.* Online. Disponível em: https://www.letras.com.br/gog/biografia Acesso em: 31 mai 2022.

NOGUEIRA, Luís. *Manuais do cinema III:* Planificação e montagem. Portugal, Covilhã: Livros LabCom, 2010.

POSTALI, Thífani. *Blues e hip hop:* uma perspectiva folkcomunicacional. Jundiaí: Paco Editorial/Eduniso, 2011.

ROVIDA, Mara. *Jornalismo das periferias* – o diálogo social solidário nas bordas urbanas. Curitiba: CRV, 2020.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade.* São Paulo: Hucitec, 2008.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão.* São Paulo: Studio Nobel, 2002.

SOARES, Mei Hua. *A literatura marginal-periférica na escola.* 156 f. Dissertação. Mestrado em Educação Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença:* a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-72.